

Neste texto, pretendemos apresentar a geração de psiquiatras leitores de Freud no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Além disso, temos também como objetivo apresentar a recepção da teoria psicanalítica por esses psiquiatras como inserida num amplo contexto de discussão de projetos para a nação brasileira, cujo intuito era assentar o Brasil no mundo moderno e o erguer à condição de país civilizado.

Nas décadas de 1920 e 1930, os discursos médicos psiquiátricos que se fundamentavam em pressupostos psicanalíticos tentavam dar conta de detectar e educar o primitivismo do brasileiro (o id nacional), com o intuito de ajustar seus valores e comportamentos aos ideais do mundo moderno e civilizado. Buscava-se, assim, o tratamento para todas as condutas desviantes – sexuais, morais, comportamentais, da mesma forma que se procurava a prevenção das mesmas (através da educação, educação sexual, consultas pré-nupciais, no cuidado com a infância). A função da teoria psicanalítica neste projeto era sustentar os discursos que recomendavam a educação ou evolução do “id primitivo” brasileiro (ligado às paixões, aos impulsos, aos excessos, aos comportamentos desviantes) para que se transformasse num “ego civilizado”, para enfim se encontrar a identidade nacional (baseada na moral e no comportamento moderno de acordo com o modelo europeu de civilização).

Portanto, a psicanálise auxiliava a psiquiatria na construção de uma identidade nacional marcada pela regeneração e modernização. O que havia sido anteriormente lido como advindo de raças primitivas incapazes de produzir uma civilização, era agora compreendido como advindo de indivíduos a quem se deveria disciplinar por meio de um trabalho educativo, sendo que o papel da psiquiatria era fazê-los desviar seus impulsos na direção de fins mais elevados: se o id brasileiro (marcado pelos impulsos e desvios) era primitivo, caberia introduzir, a partir das ferramentas psicanalíticas, a possibilidade de educá-lo.

A geração dos psiquiatras leitores de Freud no Rio de Janeiro

Para demarcar o grupo dos leitores da psicanálise no Rio de Janeiro, nos apropriamos do conceito de *geração* proposto pelo sociólogo Karl Mannheim (1893-1947), reconhecido

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC-Fiocruz), bolsista Fiocruz, sob orientação da professora Dr.^a Cristiana Facchinetti.

como o fundador da sociologia do conhecimento. De modo geral, sua teoria pretende examinar como as várias posições intelectuais e estilos de pensamento estão enraizados numa realidade histórico-social subjacente (Mannheim, [1928] 1993). O autor nos oferece apoio para entender as conexões entre determinado movimento intelectual e a conjuntura sócio-histórica em que este surge, além de ser um importante procedimento de circunscrição dos atores envolvidos em tais movimentos.

O principal texto onde Mannheim discute tal conceito se intitula “O problema das gerações”, escrito em 1928. Nele, o autor chama a atenção para o fato da *geração* não consistir em uma adesão voltada para a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social. Além disso, o conceito de *geração* refere-se menos a um grupo etário específico e mais à problematização de um legado cultural, o que destaca a importância da autoidentificação dos indivíduos com um grupo, que se define pelo compartilhamento de experiências e valores, bem como pela contestação a uma determinada herança cultural (Mannheim, [1928] 1993).

Esmiuçando o texto de Mannheim, a pesquisadora Wivian Weller (2010) afirmou que o principal ponto que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico é a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante.

Seguindo o debate realizado por Weller, nota-se que Mannheim confere uma especificação progressiva ao conceito de geração e o divide em: *posição de geração*, *conexão de geração* e *unidade de geração*. O que define a *posição geracional* não é um estoque de experiências comuns acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a possibilidade ou “potencialidade” de poder vir a adquiri-las (Weller, 2010: 214). Já a *conexão geracional* apresenta características mais específicas, pois pressupõe um vínculo concreto, algo que vai além da simples presença circunscrita a uma determinada unidade temporal e histórico-social: “esse vínculo concreto, Mannheim define como uma participação no destino comum dessa unidade histórico-social” (Weller, 2010: 214). As *unidades geracionais*, por sua vez, se constituem numa adesão mais concreta em relação àquela estabelecida pela *conexão geracional*. Mas a forma como grupos de uma mesma *conexão geracional* lidam com os fatos históricos vividos por sua geração (por exemplo, com a modernização do Brasil no início do século XX), fará surgir distintas *unidades geracionais* no âmbito da mesma conexão geracional (Weller, 2010: 215).

A *geração* aqui analisada se assemelha, em grande parte, com a demarcada na pesquisa de Julio Adiala (2011), pois o foco na *posição geracional* e na *conexão geracional* é semelhante. Nos dois casos, a *posição geracional* abrange toda uma geração intelectual que está participando do processo de institucionalização e profissionalização da ciência, e que entendia a ciência e a educação como elementos fundamentais para que o Brasil pudesse vir a ser uma sociedade civilizada, no modelo dos países europeus. A *conexão geracional* nos dois casos se estabelece, também, com o grupo de médicos que dará origem à psiquiatria científica no Brasil a partir da criação e ocupação de espaços institucionais surgidos com o processo de profissionalização do ensino psiquiátrico e da Assistência aos Alienados (Adiala, 2011: 6), tendo, como principal local desse desenvolvimento, o Hospício Nacional de Alienados, dirigido desde 1903 pelo psiquiatra Juliano Moreira², e a cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, organizada em torno de Henrique Roxo³.

Como apontado por Adiala, a característica principal do universo intelectual dessa *geração* era o grande projeto de modernização do país através da ciência e da educação, que “teria no movimento sanitarista o seu grande evento histórico, uma ‘era de saneamento’ que serviria de pano de fundo para a definição dos novos campos de especialização científica, e para a expressão de um projeto civilizador para o país” (Adiala, 2011: 7). Em outras palavras, nas primeiras décadas do século XX, a construção de uma imagem da nação brasileira era tecida de maneira ativa por diferentes atores, saberes e instituições. Neste contexto, campos como os da engenharia e da medicina, entre outros, se juntaram aos esforços de realização do projeto, procurando se articular com as instâncias institucionais e políticas do Estado brasileiro, que então se reconfigurava.

Cada *conexão geracional* havia compreendido o modelo de modernizar e civilizar o país de maneira conveniente ao seu campo de atuação: os engenheiros utilizavam o discurso da higiene para justificar as intervenções no espaço urbano, propondo a necessidade do alargamento e construção de ruas e avenidas (Benchimol, 1992); os médicos-sanitaristas afirmavam ser imprescindível a educação sanitária da população rural e também a dos centros urbanos, na proposta de curar um país doente através de ações que introduzissem hábitos e

² Juliano Moreira (1873-1933) formou-se em Medicina na Faculdade da Bahia em 1891. Entre 1903 e 1930, no Rio de Janeiro, dirigiu o Hospício Nacional de Alienados, tendo sido também Diretor Geral de Assistência a Alienados (1911-1930). Em 1928 foi fundador da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, sendo ele mesmo presidente e J. P. Porto Carrero secretário (Facchinetti, 2001).

³ Henrique de Britto Belford Roxo (1877-1969) formou-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro em 1900. Encontramos referência à teoria psicanalítica já num texto seu de 1916 sobre o *Nervosismo*, onde Roxo afirma que Freud «descreveu um tipo clínico que representa o fundamento da categoria nervosismo, que é a nevrose de angústia» (Roxo, 1916, p. 76).

comportamentos saudáveis (Hochman, 1998). A medicina psiquiátrica, por sua vez, cuidava dos discursos sobre a moral e o comportamento da população, bem como a prevenção e tratamento dos que desviavam da regra (tornando-se um comportamento anormal, degenerado). Ou seja, a psiquiatria estava pensando em normalização dos comportamentos a partir do que se considerava adequado e saudável, sendo que muitos dos comportamentos ligados à identidade nacional estariam na pauta de discussão acerca de sua ‘anormalidade’ e periculosidade.

Foi exatamente nesse contexto de discussão sobre o Brasil e os brasileiros que surgiram *unidades geracionais* dentro do próprio campo psiquiátrico. Neste processo, a teoria psicanalítica começou a ser difundida por um segmento expressivo da psiquiatria carioca, ligada principalmente ao Hospício Nacional e à Liga Brasileira de Higiene Mental. Percebemos que os primeiros psiquiatras leitores de Freud se articulam, de alguma forma, a Juliano Moreira (o primeiro a tratar da teoria de Freud no Brasil, conforme informou Porto-Carrero ([1928] 1934) e ao Hospício Nacional, como por exemplo, Antonio Austregésilo⁴ e Henrique Roxo. Essa *unidade geracional* institucionalizava seu legado com a instalação de uma clínica psicanalítica dentro da Liga em 1926, tendo como responsável o psiquiatra Julio Porto-Carrero⁵. Dessa forma, a *geração* envolvida com a psicanálise passava a ser formada essencialmente por nomes ligados ao Hospício Nacional, à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e/ou à Liga Brasileira de Higiene Mental, como Carneiro Ayrosa⁶ e Murillo de Campos⁷, por exemplo.

Recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: psicodiagnóstico e prognóstico para o Brasil

⁴ Antonio Austregésilo (1876-1960), psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é considerado um dos fundadores da neurologia brasileira. Foi um importante divulgador das teses freudianas no país, além de ter estimulado muitos de seus alunos a essa prática (como Genserico Pinto, autor da primeira tese (1914) da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro que abordava os preceitos psicanalíticos) (Jabur, 2001).

⁵ Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937) iniciou seus estudos sobre a psicanálise em 1918. Em 1923, tornou-se membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (tendo sido seu vice-presidente no início da década de 1930). No ano de 1928, tornou-se vice-presidente da seção do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927. Em 1929, tornou-se catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde divulgava e ensinava amplamente a teoria de Freud.

⁶ José Carneiro Ayrosa (?) foi um médico psiquiatra, docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, tendo trabalhado também no Hospício Nacional. Em 1928, fez parte do grupo de psiquiatras que instituiu a sede carioca da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo um ano antes (Porto-Carrero, [1928] 1934).

⁷ Murillo de Campos (?) era encarregado da Clínica psiquiátrica do Hospital Central do Exército e da Seção Militar no Hospital Nacional de Alienados. Fez parte da geração de psiquiatras que trabalharam sob orientação de Juliano Moreira no Hospital Nacional de Alienados e de Henrique Roxo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Venancio, 2001).

A experiência comum na apropriação da psicanálise desta *unidade geracional* estava marcada pela possibilidade que esta teoria oferecia para compreender a sociedade brasileira sob um novo viés interpretativo, uma nova resposta à questão central da época: como fazer do Brasil um país moderno e civilizado? A psicanálise era assimilada em continuidade com a psiquiatria, apreendida pela tradição médica local de maneira seletiva, considerada muito mais como uma técnica de exploração diagnóstica e uma modalidade terapêutica do que uma disciplina que se contrapunha ao enfoque médico sobre a doença mental (PONTE, 1999; RUSSO, 2000; FACCHINETTI, 2001).

Nesse sentido, essa *unidade geracional* empreendia a busca pela identidade nacional por meio de estudos sobre a psicologia do brasileiro adulto, o exame dos seus afetos, tendências e emoções, propondo a partir da psicanálise que o núcleo de muitos problemas de sua personalidade era consequência de seu ‘id primitivo’. Se o problema é que não seria possível suprimi-lo, a novidade que a teoria psicanalítica trazia é que ele poderia ser educado e guiado para fins condizentes com o ideal moderno, se tornando um ‘ego civilizado’. Os psiquiatras assinalavam, dessa forma, a crença num processo evolutivo, dotado de um nítido acento de “regeneração social” através da ferramenta psicanalítica: “inicialmente o indivíduo é apenas um *Id*, apenas instinto, qualquer coisa de impessoal, sobre a qual vai-se edificando depois o *ego*, o *eu* moral, o *eu* que a educação erige e constrói. Assim, entre as agressões do meio social e as reações do indivíduo é que se forma a personalidade” (SILVA, 1933: 163).

A psicanálise, desta forma, se transformava num poderoso instrumental para auxiliar no controle sobre o não-racional, visto como foco possível de desequilíbrios e anomalias de consequências prejudiciais às futuras gerações (descendentes) bem como para toda a coletividade presente. Através da psicanálise, essa *unidade geracional* se dedicava à formação de “bons hábitos”, à construção de “homens normais”, dos “homens para a Pátria”, de “brasileiros úteis ao país” (PORTO-CARRERO, 1933: 144). A psicanálise, assim, era um instrumento da psiquiatria para obter resultados apropriados na perspectiva da prevenção das neuroses e de outras patologias, ou na correção de males já instalados, como as condutas desviantes e degeneradas (sexuais ou morais).

A idéia de civilização, na perspectiva destes psiquiatras, tinha um acento positivo: eles criticavam os comportamentos e normas sociais pautadas na mera repressão dos impulsos, acreditando ser possível aos indivíduos e sociedades atingirem um estágio civilizado a partir de bases equilibradas e harmoniosas para o seu desenvolvimento “normal” (ROXO, 1933). Este desenvolvimento “normal” era a principal justificativa para a superação dos males

diagnosticados, do ajuste do comportamento “anormal”: a criminalidade, a prostituição, o alcoolismo, as doenças venéreas e outras “*taras hereditárias*” (como a sífilis, a tuberculose), os desvios no comportamento sexual e moral do brasileiro. (ROXO, 1933: 19-20)

A proposta dessa *geração* de psiquiatras, através da ferramenta psicanalítica, era sugerir a indivíduos, famílias e toda a sociedade adaptar-se à realidade que lhes era apresentada como resultado de uma transformação natural conduzida numa única direção: o caminho para a modernização do país e a civilização da população. Esta proposta definia os comportamentos “normais” aceitáveis para a continuidade do processo evolutivo em curso. Para tanto, seria necessário o estabelecimento de um programa modernizador e civilizatório “universalmente brasileiro” que buscasse “pelo raciocínio, as causas dos nossos insucessos, a razão de nossos defeitos” (PORTO-CARRERO [1928a], 1934: 98). “O brasileiro” passava a ser concebido, no psicodiagnóstico destes psiquiatras, como um ‘id primitivo’, bárbaro, selvagem, ainda na infância de seu desenvolvimento moral e intelectual, passível de ser educado e normalizado para se transformar num ‘ego nacional’.

Com a psicanálise a psiquiatria podia dirigir a evolução do país, já que não era possível nem abdicar da civilização nem continuar estagnado diante do progresso que batia à porta. Através da sublimação e educação dos impulsos prejudiciais à civilização, essa *geração* acreditava ser possível conduzir à população em sua obra para civilizar o país. Evitar, enfim, o condicionamento de propensões negativas, substituindo-as por outras, favoráveis e importantes para oferecer uma educação vantajosa para o avanço do país: “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos” (AYROSA, 1934: 24).

Considerações Finais

Para essa *unidade geracional* de psiquiatras, a identificação da falta de uma “identidade nacional” do brasileiro mostrava exatamente o foco onde se devia agir, a partir da constatação sobre o que necessitava ser modificado, sublimado, civilizado, para que o país pudesse se modernizar e progredir: o excesso dos impulsos e das paixões, a falta de ideais a seguir, a sensualidade, o “jeitinho brasileiro”. Com isso, a leitura da teoria psicanalítica os auxiliava na busca pela identidade nacional, na medida em que eles apostavam na obtenção da universalidade de uma “identidade do brasileiro” através da afirmação do particular: a solução

seria discutir as probabilidades de civilizar um primitivismo individual e interiorizado (o Id) para desenvolver um ‘ego civilizado’.

Se ao brasileiro faltava saúde e educação, faltava também a consciência de coletividade. As campanhas de saneamento e as expedições científicas, os discursos sobre a profilaxia das doenças, tudo isso havia contribuído para a percepção de que a ciência poderia ser capaz de regenerar a nação. A *unidade geracional* psiquiátrica aqui apresentada também assumia um papel decisivo nesse projeto, se propondo a cuidar para que o Estado assumisse suas responsabilidades para com a sociedade, comprovando a necessidade de fazer com que a ‘massa medíocre’ fosse educada (deixando assim de ser medíocre) e para que seus impulsos fossem sublimados a fins positivos para os ideais civilizatórios.

Referências bibliográficas

- ADIALA, Julio Cesar. *Drogas, medicina e civilização na primeira república*. Tese – COC/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.
- AYROSA, Carneiro. O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. In: *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 1, janeiro-março de 1934, p. 17-26.
- BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: história da digestão do discurso psicanalítico no Brasil 1920-1940*. Tese - Pós Graduação em Teoria Psicanalítica. UFRJ, 2001.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- JABUR, Fabio. Antonio Austregésilo. In: Campos, Regina Helena (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago; 2001.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones [1928]. Trad. Ignacio Sánchez a. In: *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n.62, p. 193-242, 1993.
- PONTE, Carlos Fidelis. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação. Ensp/Fiocruz. 1999.
- PORTO-CARRERO, Julio. Conceito e história da psicanálise. In: Porto-Carrero, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Flores & Mano; [1928] 1934.
- _____. *Psicanálise de uma Civilização*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933.
- ROXO, Henrique. Nervosismo. In: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. 1916, 1, 73-106.
- ROXO, Henrique. Psicanálise. In: *Psicanálise e outros estudos*. Rio de Janeiro, Conxson, 1933.
- RUSSO, Jane. A psicanálise enquanto processo civilizador: um projeto para a nação brasileira. In: *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, volume 6, nº 18, 2000.
- SILVA, Gastão Pereira da. *Crime e psico-análise*. Rio de Janeiro, Marisa Editora, 1933.

- VENANCIO, Ana Teresa. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, 2010.
- WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. In: *Revista Sociedade e Estado* – v. 25, n. 2, 2010.